



Research Paper

A PERSPECTIVA DE SILVIA LANE SOBRE A PSICOLOGIA: contributos para a constituição da Psicologia Social

Amanda Leticia Alevato Barros¹, Cintia Cristina Barros Kemotu², Gabriela Correa Marques³, Kevilly Marques Carmona⁴, Mayara Regina Morro de Souza⁵, Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira⁶, Gisele Gonçalves Melles⁷
¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (Brasil, SP), ² Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (Brasil, SP), ³ Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (Brasil, SP) e Pós-Graduada em Violência Doméstica contra Crianças, ⁴ Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (Brasil, SP), ⁵ Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (Brasil, SP), ⁶ Docente no Instituto de Ciências Humanas, Universidade Paulista (Brasil, SP), ⁷ Docente no Instituto de Ciências Humanas, Universidade Paulista (Brasil, SP).

ABSTRACT: *The Social Psychology proposed by Silvia Lane in Brazil and conventionally accepted today as the support for the critical interpretation of reality and its direct relationship with subjectivity has gone through a long process of development. The philosopher in question was, therefore, extremely important in conducting and stimulating the constitution of a critical Psychology and aimed at defending the understanding of the relationship between subjectivity and reality. In the present text, we proposed to carry out a theoretical reflection on Silvia Lane's approach to Psychology, which was shaped through the so-called Social Psychology. We observe that Lane's effort was oriented to instigate Psychology to adopt critical positions, aimed at understanding the link between reality and psyche, and that the author also defended the adoption of a Psychology aimed at defending rights and the most vulnerable segments of society.*

KEYWORDS: *Social Psychology. Critical Psychology. Silvia Lane.*

Received 24 October, 2021; Revised: 05 November, 2021; Accepted 07 November, 2021 © The author(s) 2021. Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

Silvia Lane foi um dos nomes mais fortes no sentido da construção de uma Psicologia crítica e reflexiva, e, nomeada por muitos pela alcunha de Psicologia Social. Lane surgiu e se destacou como uma pesquisadora de grande importância em meados dos anos 70 e 80 no Brasil e encontrou no Marxismo e na Psicologia Russa os sustentáculos para a proposta que defendia, além de outras bases teórico-críticas.

Por tal intento, a autora é considerada um nome de grande destaque no cenário nacional influenciando outras áreas para além da Psicologia. Dada a importância da autora para a Psicologia e para outras áreas do saber, no ano de 2020 elaboramos um trabalho de conclusão de curso sobre a Psicologia Social proposta por Silvia Lane. Esse artigo foi elaborado a partir desse trabalho intitulado: “As Contribuições de Silvia Lane para a Psicologia Social Brasileira⁶” e defendido por parte dos autores junto à graduação em Psicologia cursada na Unip. O trabalho, assim como o presente artigo, foram elaborados com base na leitura de textos que nos deram a saber da vida acadêmica de Silvia Lane e também de sua produção teórica em prol da Psicologia Social.

⁶ O trabalho de conclusão de curso foi orientado pela professora Doutora Gisele Gonçalves Melles.

Dada a amplitude de suas discussões propostas por Lane e que pressupõem, além da criticidade, a conversa da Psicologia com outras fontes, outros saberes críticos, pressupomos que esse texto não interesse apenas àqueles que transitam pela área da Psicologia, mas sim para todos que têm interesse nos temas transversais que a autora defende, a, para todos aqueles que acreditam na potência das profissões para o combate à desigualdades e na consolidação de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Assim sendo, delimitamos por organizar o artigo por meio dos tópicos: em um primeiro momento apresentaremos o referencial teórico em que fazemos menção ao desenvolvimento da Psicologia no Brasil, elemento vital e basal para que possamos compreender o contexto de surgimento e de consolidação da Psicologia Social no Brasil. No item discussão, por sua vez, apresentamos a reflexão teórica por meio da qual apresentaremos a perspectiva de Silvia Lane sobre a Psicologia. Nesse subitem também apresentamos alguns dados sobre a trajetória de Lane junto à Psicologia Social.

II. METODOLOGIA

Ao definir a metodologia, segundo Minayo (1999), a ser usada em uma pesquisa, sobretudo uma pesquisa vinculada à Ciências Humanas, como a Pesquisa Social, requer uma delimitação sobre a natureza do estudo. Para a autora há estudos de natureza qualitativa, quantitativa ou que combinam essas duas expressões. No sentido em pauta, a indicação da autora é de que o estudo de natureza qualitativa se caracteriza por produzir saber com base na identificação e na apresentação de conteúdos e conceitos nem sempre perceptíveis ou captáveis por meio de dados numéricos ou percentuais. A pesquisa qualitativa é aquela que trabalha com um universo de significados que estão presentes na realidade.

A autora ainda nos coloca que a delimitação metodológica requer a apresentação da amostra sob a qual construiremos a pesquisa, e, nesse sentido a autora nos indica que é importante e necessário que façamos uma delimitação específica de nosso objeto, considerando, sobretudo nossa disponibilidade e potencialidade em alcançar a nossa pesquisa por meio da amostra selecionada. E, partindo de tal entendimento ainda a autora destaca que pesquisa qualitativas e que produzem saber sobre conceitos e significados requerem, ainda mais, dessa delimitação apurada. Partindo desse entendimento acordamos por definir como amostra de nosso estudo os livros de Silvia Lane, no caso, seis deles que discutem os aspectos da Psicologia Social. Também recorreremos a teses e artigos que discutissem a perspectiva da autora sobre a Psicologia Social e outros estudos teóricos que nos auxiliaram também no entendimento do desenvolvimento histórico da Psicologia no Brasil.

Além disso, Minayo (1999) recomenda que que sejam delimitados critérios para a coleta de dados e no caso a pesquisa aconteceu por meio do acesso à obras variadas, principalmente as da autoria de Lane via biblioteca do campus Assis, da UNIP, visto que a pesquisa teórica foi iniciada antes da consolidação da pandemia no Brasil. Além disso, seguindo as indicações da orientadora, também realizamos a leitura de artigos e teses que foram por ela indicadas visando assim consolidar o presente texto. De tal maneira, isso também nos indica a forma de coleta de dados da pesquisa, partindo da pesquisa teórica.

A delimitação da forma de coleta nos impõe, necessariamente, conforme a autora, pela seleção ou pela a escolha de uma forma de organização e também de análise dos dados obtidos. Como organização definimos por apresentar os dados partindo da construção de uma narrativa que nos apresentasse como a Psicologia foi se desenvolvendo no Brasil e na sequência como foi sendo organizada a Psicologia Social de Silvia Lane. O maior interesse, contudo, dada a natureza de nosso estudo, é, obviamente, a discussão desenvolvida junto à abordagem adotada por Silvia Lane em relação à Psicologia, compreendida, como dito acima, como Psicologia Social.

III. O DESENVOLVIMENTO DA PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

A constituição da Psicologia no Brasil deu-se, especificamente, em seu meio de reconhecimento enquanto ciência e profissão, o qual se inicia instituindo os encargos para a formação do psicólogo, partindo através da idealização de uma nova classe trabalhadora no país.

Sendo assim, a Psicologia mostrou-se em um dos grandes momentos pelo qual parte da classe operária brasileira, com sua diversidade de padrões estruturantes que, no decorrer da história, vai se caracterizando e fortalecendo-se. A princípio, quando ainda não legitimada como profissão, surge em contextos e níveis distintos seguidos a caracterizar e satisfazer os interesses de uma elite modernizadora que se estabelecia no Brasil.

As primeiras contribuições para análise da Psicologia no país vieram através dos trabalhos acadêmicos dos estudantes da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, no ano de 1836. O primeiro trabalho tinha como tema “Paixões e Afetos da Alma” e foi defendido por Manuel Inácio Figueiredo, dando início a familiarização com o estudo dos vínculos através dos ramos de áreas de estudo e pesquisa psicológica.

Antônio Rodrigues Soares (2010, p.12), em suas pesquisas, afirma que, por meio de seus trabalhos, os médicos traziam informações e considerações importantes para os filósofos, historiadores e os seres provenientes da cultura. Essas primeiras contribuições surgiram no Rio de Janeiro e na Bahia e os médicos sabiam da importância das raízes da filosofia, para o enriquecimento do conteúdo estudado, para a reestruturação da criatividade e o estabelecimento de uma face crítica sobre as questões provenientes do ser, da sociedade e do

universo.

No Rio de Janeiro, os estudos na faculdade de medicina propendiam para a Neuropsiquiatria, a Psicofisiologia e a Neurologia; dentro dessas instâncias situava-se a maioria das teses defendidas, entrando, não raramente, o aparecimento da Psicologia a ser analisada em suas interlocuções com tais campos de estudo e pesquisa.

Segundo Soares (2010, p. 16), na primeira metade do século XIX acentuou-se um sistemático avanço da medicina como arte e ciência, por motivo de aperfeiçoamento e alento destinados, de preferência, para as experiências laboratoriais. Nesta mesma época, Ivan Pavlov iniciou estudos que ascendiam à ampla escala dos reflexos condicionados, analisadores cerebrais, tanto de uma perspectiva teórica como também experimental, dando sempre referência direta a psicologia, o que levou à realização de inúmeras pesquisas em todos os cantos do mundo, acarretando os aparecimentos de escolas no ramo da psicologia.

Este tipo de estudo e pesquisa influenciou profundamente as teses da faculdade do Rio de Janeiro, local onde Henrique Roxo defendeu o primeiro trabalho de Psicologia Experimental em 1900, sendo o primeiro a orientar no Brasil os estudos práticos em tese; foi também o organizador do laboratório de experimentação psicológica, junto à cátedra de Psiquiatria.

Nessa época, foi constatada a necessidade do estudo da Psicologia para a formação em medicina, tendo como principal condição, a interdisciplinaridade como fator de aperfeiçoamento cultural e profissional. Começaram a surgir, desde então, os laboratórios de psicologia nos hospitais, clínicas psiquiátricas e o governo mostrou-se interessado formalmente pela criação dos mesmos.

Ainda no ano de 1900 surge no Brasil, através dos estudos etnopsicológicos de Nina Rodrigues (2003), a Psicologia Social são os estudos que revelam, através das análises, o confronto entre a etnografia e a psicologia, onde as matérias recolhidas através das observações eram decifradas no domínio da psicologia clínica daquela época.

Alguns pesquisadores brasileiros partiram desse pensamento, oscilando entre os pressupostos biológicos racistas da deturpação racial, e uma interpretação psicológica a inconstância do caráter decorrente.

Em contrapartida a esse pensamento, surge Manoel Bomfim, nascido em Sergipe, em 1868; formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, no ano de 1890 e atuou em campos disciplinares como Medicina, Educação, História, Antropologia, Língua Portuguesa e Psicologia destacando-se com a produção da obra “América Latina - males de origem” concluída em 1905, em Paris, na qual Bomfim, ressalta que:

[...] para se estudar um grupo social e compreender os motivos pelos quais ele se apresenta em determinadas condições, seria preciso analisar não só o meio no qual se encontra, como também os seus antecedentes. Como consequência, a nacionalidade seria o produto de uma evolução resultante de ações passadas e de ações do meio [...](BOMFIM, 2003, p. 24)

O caráter relevante de sua pesquisa foi a renúncia às teorias raciais tão vigentes naquela época. Manoel Bomfim foi o responsável por criar e dirigir o Laboratório de Psicologia Experimental no Rio de Janeiro em 1906.

Neste ano de 1906 também ocorreu a reforma do ensino no Brasil no início do século XX, promovida por Benjamin Constant (1890), abordando a introdução de noções de psicologia nos cursos de educação, sendo fundados os primeiros laboratórios de psicologia, o qual visava o crescimento de pesquisas nessa área.

A primeira biografia da Psicologia no Brasil tem como tema “*A Psicologia Experimental no Brasil*”. Seu autor, Plínio Olinto, argumenta em 1911 a tese com o tema “Associação de ideia”. Ele foi o responsável pela criação do Instituto educacional, do laboratório para cursos de Psicologia Geral e Clínica no Rio de Janeiro.

Segundo Soares (2010, p.24), a ação e prática de educadores na cultura científica nas teses, trabalhos e pesquisas das escolas Normais incentivou e impulsionou a psicologia brasileira.

Em São Paulo, a escola Normal obteve o apoio de Ugo Pizzoli vindo até o país a convite de Oscar Thompson em 1913. Ao chegar em São Paulo, Ugo realizou a criação do laboratório de psicologia experimental, elaborando a reestruturação do ensino e a institucionalização de cursos de aprimoramento para professores, requerendo efetivar as disciplinas de Psicologia e Sociologia.

Silvia Lane (1981) escreve que o início da Psicologia Social no Brasil remete-se ao século XIX, sendo o filósofo francês Augusto Conte considerado o pai dessa ciência. Para Conte, a Psicologia Social seria um subproduto da sociologia e da moral, sendo responsável em dizer como o indivíduo poderia ser, ao mesmo tempo sua causa e consequência da sociedade.

Só após a primeira guerra mundial, por volta dos anos de 1920, é que esse ramo se desenvolveria como estudo científico e sistemático. Em um mundo abalado por crises e conflitos, os pesquisadores depararam-se com um campo a ser amplamente estudado, desejando descobrir um novo caminho para preservar os valores de liberdade e os direitos humanos, numa sociedade tensa e arregimentada. Segundo Soares (2010, p. 26), em 1922 houve a institucionalização da Liga Brasileira de Higiene Mental, responsável pela ascensão das Jornadas

Brasileiras de Psicologia. A liga veio com intuito de despertar o fascínio pela pesquisa pura e aplicada, e, após dez anos de sua instauração, ela propõe ao Ministério da Educação e da Saúde a criação obrigatória do Gabinete de Psicologia, junto às clínicas Psiquiátricas.

O Ministério de Educação e Saúde designa de Instituto de Psicologia o Laboratório de Psicologia do Engenho de Dentro, ativo em 1923, o qual foi responsável por treinar profissionais de diferentes áreas de atuação, sendo o primeiro centro brasileiro de pesquisas em Psicologia.. Logo após, foram criados institutos, onde o estudo de psicologia e a aplicação de técnicas psicológicas foram promovidas por médicos em várias cidades do país, sendo elas: São Paulo, Recife, Minas Gerais.

Soares (2010, p.28) diz que, em 1927, Lourenço Filho e outros importantes nomes como Franco da Rocha, instituíram a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Filho chamou Noemi R. da Silveira e Damasceno Penna; alguns anos depois, Noemi criou o renomado Laboratório de Psicologia Educacional na Escola Normal de São Paulo; logo depois, no ano de 1934, é constituída a Universidade de São Paulo, que, com o auxílio de Noemi, é unida à Cátedra de Psicologia Educacional na USP. Em 1945 é fundada em São Paulo a Sociedade de Psicólogos. Pouco tempo depois, no ano de 1949, a legislação determina as disciplinas necessárias a serem estudadas para que houvesse a formação no curso de Psicologia.

Neste mesmo período, no Rio de Janeiro, ocorreu a fundação da Associação Brasileira de Psicotécnica, mas apenas em meados do ano de 1954 é que foi fundada a Associação Brasileira de Psicologia, neste ano o artigo anteprojeto da Lei sobre a formação do Psicólogo foi publicado pelo Arquivo Brasileiro de Psicologia.

Silvia Lane (1989) conta que, ainda nos anos 50, iniciou-se a estruturação da Psicologia Social no Brasil através de duas fortes tendências da época que predominavam sobre a Psicologia, uma delas, nos padrões de formalidade dos Estados Unidos, que visava remodelar atitudes que interferissem no relacionamento de grupos, harmonizando-os e garantindo sua produtividade.

A outra tendência procura por competências, a fim de evitar fortes catástrofes mundiais, como a Segunda Guerra Mundial, seguindo a tradição filosófica europeia, com suas raízes na fenomenologia, buscando por modelos totalizantes, como a teoria de campo de Lewin.

Esse modelo de Lewin leva em conta dois aspectos influenciadores do comportamento humano: o primeiro é resultante da totalidade dos fatores coexistentes, e o segundo é que os fatores e as ocorrências criam um campo de forças dinâmicas, onde entram em uma inter-relação com os demais componentes, influenciando-os e sendo influenciados por eles.

Esse campo criado é chamado de campo psicológico (espaço da vida do sujeito) o qual é o fator influenciador da percepção do sujeito sobre o mundo, sendo positiva quando pessoas, objetos e situações dão auxílio para a satisfação das necessidades desse sujeito e negativa quando o meio pode afetar o sujeito de alguma forma, causando, assim, algum dano ou prejuízo.

Na conquista de espaço e na construção e prática de uma Psicologia transformadora brotam vários nomes que fizeram história no Brasil e em países da América Latina; um deles, com grande destaque, é Silvia Tatiana Maurer Lane, importante Filósofa e Pesquisadora que revolucionou a forma de se pensar a Psicologia Social.

Silvia Lane foi formada na USP no curso de filosofia. Com o auxílio de Anita Cabral e outros professores, adquiriu uma bolsa de estudos para se especializar em Psicologia nos EUA, em Wellesley College, retornando de lá em 1956, a fim de concluir o curso de filosofia.

Quando Silvia se formou, já trabalhava no CRPE (Centro Regional de Pesquisa Educacional), seu primeiro emprego, como assistente de pesquisa; logo depois passa ao cargo de diretora geral dessa mesma instituição.

A Psicologia Social de Silvia Lane passa a vincular a Psicologia juntamente com as Ciências sociais, marco esse que ocorre em uma ocasião significativa da história, pois nesse período aconteceram diversas movimentações ideológicas, conflitos e a luta entre Socialismo e Capitalismo.

Segundo Souza (2009), Silvia Lane deu início a sua carreira em Psicologia no ano de 1965, lecionando na matéria de Psicologia Social e Personalidade em duas faculdades, na PUC e na FFCLSB (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento).

Em 1968, Silvia Lane já estava na função de chefe do departamento de Psicologia em ambas as faculdades. Juntamente com outros professores, instituiu uma mobilização que destacava as urgências de alterações no método, foco e visão do ensino que se tinha até então, possibilitando às lecionandas, experiências favorecedoras e incentivadoras, com o intuito de uma construção teórica que levantasse dados e acarretassem na transformação da prática psicológica. Souza conta que:

O ano de 1968 foi marcante para Silvia Lane e para o ensino da Psicologia, quando os professores iniciaram um movimento que afirmava a necessidade de mudança no método e no enfoque do ensino, proporcionando aos alunos experiências mais enriquecedoras na teoria e na prática da psicologia[...] (SOUZA, 2010, p.227)

No dia 27 de agosto de 1962 é aceito o anteprojeto sobre a formação do Psicólogo, tornando-se a Lei nº 4.119 aprovada pelo Presidente da República e o Congresso Nacional, dispondo sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamentando a profissão do Psicólogo.

A criação do Conselho Federal e Regional de Psicologia deu-se somente após a aprovação da Lei nº 5766/71, de 20 de dezembro de 1971. Ainda no ano de 1971, aconteceu o primeiro Encontro Nacional de Psicologia, local onde diversas associações de Psicologia do Brasil buscaram estabelecer os novos princípios da profissão, e lá ocorreu a escolha da data de 27 de agosto para comemoração do dia do psicólogo.

Um ano após da instauração do conselho é que começaram a realizar o processo de registro profissional do mesmo. Após essa data, iniciou-se uma luta por unidade e reconhecimento da profissão como independente.

Ainda na década de 70 as faculdades PUC E FFCLSB decidiram- se juntar à Faculdade de Ciências e Letras Sedes Sapentria, formando uma única instituição, onde Silvia Lane ficou responsável pela direção e coordenação da faculdade até o ano de 1974.

Nessa época Silvia foi chamada pela PUC para elaborar um programa de pós- graduação que abordasse o ensino de psicologia social, dando início ao mesmo em 1972, o qual tornou-se o segundo programa de pós em Psicologia no país.

Em sua vida, Silvia Lane sempre seguiu com sua carreira de pesquisadora e professora, mesmo envolvendo-se com diversos outros cargos. Por volta de 1979 ela foi convidada para ser membro do Comitê de Gestão da Divisão de Psicologia Comunitária da Associação Latino Americana de psicologia, fato este que ocorreu no congresso da SIP (Sociedade Interamericana de Psicologia) .

Poucos meses depois, em 1980, Silvia fundou a ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), visando a extensão e o fortalecimento da Psicologia Social Latino-Americana.

Em 1981, fez sua primeira publicação com o livro “O que é a Psicologia Social”, através da editora Brasiliense; em sua história de vida, pode-se notar seu extremo comprometimento com a construção de saberes, afim de produzir uma ciência psicológica que esteja envolvida com a transformação social.

Desde o início de sua carreira, Silvia Lane buscou conseguir formas transformadoras de se produzir, ensinar e construir a Psicologia que seguia, dirigindo- se pelo princípio da reflexão sobre a realidade, operando com os bens disponíveis e buscando novos recursos para o aprimoramento dos trabalhos que eram realizados em equipe, sendo ela composta por seus grupos de alunos e colegas de profissão.

Souza (2009) aponta que, Silvia Lane era uma estudiosa que realizava suas obras de maneira grupal, destacando a importância e o valor de todos da equipe de trabalho; seus argumentos apresentados tendiam para os efeitos do ambiente e meio social nos comportamentos dos indivíduos, e como essa relação dialogava entre eles, sendo o homem um ser histórico-social que muda a história irrevogavelmente através de seus comportamentos e, despropositadamente, muda a si mesmo.

Silvia Lane trouxe como destaque em suas produções, o ponto de urgência em se pensar uma Psicologia Social, abordando assuntos do povo brasileiro, seu cotidiano, suas necessidades, possibilidades, as situações as quais estavam vivendo em seu meio social e seus encargos. Sobre esse contexto Sawaia diz:

A Psicologia Social no Brasil era um “zero à esquerda”, não interferia em nada, não ajudava em nada, quer dizer, era um saber que estava lá, que partia das teorias americanas para explicar a realidade brasileira. Era preciso compreender como o latino americano singulariza o universal na constituição particular de sua existência (LANE , 2006, p. 90).

Em seu livro “Homem em movimento” ,Silvia Lane, trouxe sua perspectiva sobre os grupos os quais o homem se insere desde o seu nascimento. De acordo com a autora:“O significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas”. (LANE,1984, p.81).

Silvia tinha um olhar que valorizava o caráter histórico do grupo, sua vivência subjetiva, a realidade objetiva, seus aspectos de cunho pessoal e as demais características grupais; esse processo ficou conhecido como processo grupal, sendo o grupo uma prática de vivências históricas que se compõem em um deliberado tempo e espaço. Para a autora, na sua relação com o ambiente social, o indivíduo interioriza o mundo como realidade concreta e subjetiva, na medida que se adequa ao sujeito ou grupo em questão, e isto se exterioriza através de seus comportamentos e ações sobre o mundo.

Segundo Souza (2009), a Psicologia Social no país dialoga com a da Europa e Estados Unidos, mas para Bader Sawaia *apud* Silvia Lane (1995, p.8) a realidade psicossocial não se torna compreensível com base apenas em teorias vindas de outros países como os Estados Unidos e a Europa, pois os mesmos possuem estruturas e realidades distintas dos países da América Latina.

Onde, para elas, tornou-se necessária a compreensão do ser latino-americano com suas condições sócio-históricas as quais estão submergidos, para assim poderem realizar a estruturação de uma nova Psicologia que abarque os novos conceitos de se pensar e fazer a Psicologia Social, quebrando os paradigmas até então

impostos. Segundo Sawaia:

Não se trata de abandonar o acervo teórico acumulado árdua e rigorosamente pela psicologia social, mas de mudar a sensibilidade epistemológica para rever-se à luz dos novos atores sociais, das necessidades, ideias e emoções que objetivam na atividade cotidiana. (SAWAIA, 2006, p.8)

Silvia Lane destacava o privilégio de trabalhar em conjunto com os países da América Latina, lutando juntos pelo mesmo desejo de produzir uma prática coesa e envolvida com a modificação da realidade social dos indivíduos e suas comunidades.

Esse desejo acabou servindo de base para o desdobramento de uma Psicologia Social Comunitária, trazendo para a ciência do trabalho, meios de existir, maneiras de se organizar e elaborar soluções pelos problemas vividos pelas comunidades. Silvia Lane e Bader Sawaia (1995, p.8) dizem que:

Descobrimos que nossas preocupações afligem muitos psicólogos sociais da América Latina que conosco partilham o paradoxo contemporâneo. De um lado, a explosão das diferenças, do individualismo, do consumismo desenfreado, do fantástico avanço científico e consequentemente, modernização tecnológica e expansão poderosa dos meios de comunicação de massa. De outro lado, a reprodução em níveis alarmantes da exclusão, da miséria e da marginalização política da imensa maioria da população da América Latina. (LANE; SAWAIA, 1995, p.8)

Isto aconteceu no período do regime militar (1964-1985), onde Silvia Lane era uma combinação de agente do conhecimento com o ativismo; ela incorporou a urgência de uma ciência que fosse benéfica e proveitosa na criação de novas circunstâncias de vida para a população, ministrou e instruiu seus alunos a olharem para o contexto social, dirigindo e estimulando a levarem o comprometimento com os afazeres comunitários como fundamento principal de suas práticas.

Com o amadurecimento profissional, veio também, o reconhecimento no Brasil e no exterior. Em 1999, Silvia Lane ganhou Menção Honrosa, no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, pelo excelente artigo publicado na Revista Interamericana de Psicologia, no período de 97-98. Dois anos depois, na XXVII edição do congresso, ela ganhou da Sociedade Interamericana de Psicologia o prêmio atribuído aos pesquisadores que apoiaram decisivamente o desenvolvimento da Psicologia Latino-Americana.

IV. DISCUSSÃO

Silvia Lane é um grande ícone pela psicologia brasileira, especialmente por suas colaborações à Psicologia Social, pois suas ações serviram de base para a construção de um novo compromisso social da psicologia. Apesar de não ter se graduado em psicologia, Silvia era professora e pesquisadora dentro da Psicologia Social, com o passar dos anos, Silvia tentou conseguir seu registro, influenciada por Carolina Bori. Porém, mesmo tendo sido muito ativa na produção de pesquisas e na elaboração de uma Psicologia Comunitária Crítica, seu registro não foi aceito. Sobre este fato, Sawaia conta que:

Logo que essa profissão foi regulamentada (meados da década de 60) e o MEC passou a avaliar as primeiras solicitações de registro profissional na área. Conforme afirmou Silvia, “na época, só conseguia o registro quem aplicava o RAVEN e fazia terapia. Para eles, pesquisador não era psicólogo. Isso valeu para me definir como professora de psicologia e ponto e assumir que não queria exercer a profissão de psicólogo, tida exclusivamente como clínica e aplicação de testes (SAWAIA *apud*. LANE, 2007, p.90)

Silvia foi formada em Filosofia, curso este que lhe proporcionou vasto conhecimento em áreas como ética, moral, psicologia, arte, política e cultura, saberes estes que possibilitaram a construção de seu pensamento e seu estilo de compor uma nova ideia de sociedade.

Silvia acreditava em um homem que está sempre em movimento e vivenciando mudanças constantes, homem este que é produtor e ao mesmo tempo produto da história. Este seria o caminho para a construção de um sujeito íntegro, consciente de seu papel na formação e transformação da vida social e coletiva. Sua trajetória ficou marcada por seus questionamentos sobre a prática e a teoria da Psicologia Social na América Latina.

Silvia sempre buscou uma Psicologia que fizesse sentido para a população brasileira, que abarcasse a realidade social e o cotidiano dos povos latino-americanos, em vez de reproduzir uma Psicologia voltada as necessidades e norte americana e europeia, que está longe das necessidades vivenciadas pelas comunidades brasileiras. O caminho de Silvia Lane pela construção da Psicologia Social iniciou-se nos anos 60, quando começou a ministrar aulas na PUC-SP na matéria Psicologia Social e Personalidade.

Essa foi uma década significativa para Silvia Lane e para a formação de conhecimento da Psicologia, pois os professores começaram um movimento que reconhecia a indispensabilidade de uma transformação no método e no enfoque do ensino, permitindo aos alunos da PUC experiências mais engrandecedoras na teoria e na prática da Psicologia.

No final da década de 60 Silvia foi convocada por Joel Martins para instaurar o programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC, iniciando suas atividades em 1972, este foi o segundo programa de pós-graduação em psicologia criado no Brasil. Sobre este período, Carone diz que:

O programa de Psicologia Social, sob a coordenação e a inspiração da professora Sílvia Tatiana Maurer Lane, começou a colocar em questão não só o positivismo da Psicologia Social de extração norte-americana que prevalecia no Brasil, mas também a orientação clínica e o caráter a-histórico das abordagens do objeto da Psicologia em geral.(CARONE, 2007, p.63)

Desde então, Silvia não parou, assumiu diversos cargos e aumentou sua produção, não deixando para trás, em momento algum, a docência e a pesquisa. Ao iniciar as aulas de Psicologia Social na PUC Silvia deparou-se novamente com os textos referenciais de autores norte-americanos que não se encaixavam com a realidade vivida pelos brasileiros. Carone, aborda que o novo sentido da Psicologia Social seria:

[...](1) o reconhecimento do caráter social e histórico do psiquismo e do comportamento humanos; (2) a necessidade de se voltar a atenção para as chamadas questões nacionais, como já acontecera com as Ciências Sociais no Brasil; (3) a necessidade de não se perder a especificidade do objeto da Psicologia, embora se reconhecendo o primado do todo social sobre as partes, ou da sociedade sobre o indivíduo; (4) a necessidade de se escolher as questões ou problemas de relevância social e política para o Brasil e América Latina (CARONE, 2007, p.63)

Como aponta Sawaia (2009, p.364), Silvia pediu para seus alunos da pós-graduação elaborarem críticas através de pesquisas sobre esses textos, de maneira que pudessem debater sobre os dados coletados; ela os incentivava a fazerem busca ativa pelas comunidades de São Paulo, de modo que pudessem observar que as teorias norte-americanas não funcionavam na prática social presente no país, mas para sua surpresa aconteceu o contrário, seus alunos assimilavam o que convinha da realidade e relacionavam com a teoria.

Silvia decidiu, então, em sua pós graduação, discutir essa crítica sistematicamente, vendo o quanto autores como Lewin, Skinner e outros, abrangiam as necessidades apenas de suas culturas, onde a psicologia social tradicional comunitária da época era generalizada, de caráter assistencialista e sua ideologia norte-americana dava conta de explicar os comportamentos advindos dos cidadãos norte-americanos, mas chegando na América Latina, a teoria não se enquadrava com as necessidades de seus povos, e não servia para nortear a atuação de seus profissionais.

De acordo com Sawaia:

[...] o sujeito abordado por Silvia em suas produções é um sujeito inteiro, o qual não se separa razão da emoção, ser e fazer, subjetividade e objetividade, é a singularidade que não encontra-se em si, mas na relação com o outro, um ser histórico, que não se restringe a divisões macro-estruturais e não perde sua humanidade (SAWAIA, 2007, p.82)

Com esse entendimento, Silvia colaborou para uma revolução na Psicologia, rompendo com a tradição elitista, tecnicista e conservadora, passando a preocupar-se com a construção de um novo modelo para a ciência e profissão que abrangessem a população como um todo, através de uma nova concepção de homem, homem esse que deixa de apenas reagir sobre os estímulos do ambiente e passa a ser ativo no seu cotidiano, mudando o ambiente e a si próprio, estando em constante movimento de trocas.

É importante ressaltar que Silvia Lane, em seu caminhar no trabalho coletivo, trouxe consciência crítica e atenção permanente, estando sempre comprometida com as necessidades e urgências da população, que eram como pedras fundamentais da transformação da psicologia. Sobre este contexto, Lane fala que:

Poderosos processos de globalização a par de novas formas de diferenciação social e sociabilidade desafiavam o paradigma das ciências humanas a buscar um novo olhar sobre si mesmo, sobre o homem e sobre sociedade. Um olhar local e objetivo, mas ao mesmo tempo universal e subjetivo em busca de uma ciência ética comprometida com a emancipação humana (LANE, 1995, p. 37)

A partir dos anos 70, a Psicologia Social brasileira elevou-se sobre sua perspectiva crítica; em conjunto com seus amigos e pesquisadores da América Latina como Martin Baró, Silvia trabalhou em oposição ao caráter modulador da psicologia tradicional e seu afastamento das questões sociais. A partir daí, essa crítica foi se fundamentando teoricamente, através de pesquisas sobre os problemas sociais recorrentes no continente latino americano.

Segundo Sawaia (2009, p. 365) a base teórica de Silvia Lane é a Psicologia Sócio-Histórica com ramificações marxistas e em conversação com a teoria de Vigostki e Espinosa que, fiéis à uma concepção sócio-histórica de estruturação do psiquismo, entende-se que esse trabalho não é singular e esse movimento vivencial necessita do outro para se fortalecer, pois é nesse encontro que o indivíduo encontra sua força para existir, agir e transformar.

O conceito chave dessa teoria sustenta o determinismo social da subjetividade, abordando a transição que ocorre entre o social e o psicológico, sendo este um método dialético permeado pela imaginação; desse modo o determinismo social é um ato criativo e não reflexo. Sobre este período, Sawaia fala que:

Silvia Lane buscava no marxismo a possibilidade analítica de inserir o homem e as categorias do psiquismo humano na história e na sociedade de classes, um homem em movimento. Pude compartilhar seu entusiasmo, ao retornar de um Congresso da Sociedade Interamericana de Psicología¹, com a conferência de Baró, que, segundo ela, instigou a todos perguntando por que a psicologia latino-americana não conseguia entender e elaborar propostas de ação para superar a alienação de seus povos.” (SAWAIA, 2009, p. 365)

No ano de 1981 foi publicado pela editora Brasiliense o primeiro livro de Silvia chamado: “O que é Psicologia Social?” ,a primeira produção bibliografia que divulga a Psicologia Social que Silvia Lane defendia e produzia, onde diz que o foco da Psicologia Social é entender o comportamento dos indivíduos que sofrem as influências do contexto social, podendo esta ser vista de maneira mais clara na aprendizagem de sua linguagem que, por meio dos significados dados, influenciam no modo de ver, perceber e interpretar o mundo.

Sendo assim, a Psicologia social discorre sua prática sobre a relação entre indivíduo e sociedade, desde como seus constituintes se organizam para assegurar a sobrevivência, até sobre seus valores, costumes e representações necessárias para o seu seguimento.

Em 1993, Silvia fez parte do comitê Editorial da Revista Interamericana de Psicologia Social. Nos períodos de 1995 a 2005, Silvia participou de inúmeras pesquisas e conferências, onde foi homenageada diversas vezes, sendo uma delas na Universidade de Santa Catarina, onde o Centro acadêmico a homenageou com seu nome. Seu conjunto de obras é composto 24 capítulos e apresentações de livros, quatro livros e entrevistas, 12 publicações em Anais de Congressos e 29 artigos periódicos.

Silvia buscava por novos suportes teóricos e elementos que consentissem compreender o desenvolvimento e construção social da vida psicológica, assim como os reflexos produzidos no cotidiano, que deveriam sim, passar a ser o foco dos estudos psicológicos. Na sequência passamos a discutir e refletir a Psicologia proposta por Lane.

A Psicologia Social de Silvia Lane

De modo geral, entende-se a Psicologia como uma ciência que estuda o comportamento humano; já a psicologia social estuda a relação dos indivíduos e a sociedade, através da interação e influencia uns sobre os outros. Silvia Lane destaca no entanto que: "Toda psicologia é social, o que significa que cada área específica da psicologia deve assumir dentro de sua especificidade a natureza histórico- social do ser humano, porém, sem perder a sua qualidade de sujeito da história" (LANE, 1989, p. 19)

Além disso, a psicologia social aborda que, é que necessário conhecer como o sujeito inclui-se nesse processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas, principalmente, em como ele se torna agente de sua própria história, ou seja, como ele pode transformar o meio em que vive, ao mesmo tempo em que se transforma. Dessa forma estuda-se a dimensão subjetiva dos fenômenos sociais, tendo essas como dimensões éticas, política, moral e psicológica, sendo ela a soma de registros simbólicos subjetivos e o fenômeno social, ou seja, tudo que está no sujeito, de alguma forma, está também no contexto histórico.

Silvia Lane foi direcionada pelo princípio de que o conhecimento realizado deveria ser sempre útil para a modificação da realidade na direção da criação de condições de vida dignas para todos. A profissão e o conhecimento precisariam estar a serviço da transformação, deixando de reproduzir e passando a criar novos caminhos que pudessem ser acessados e compreendidos pela população em geral.

O ser humano já nasce cercado de outros indivíduos, desde cedo os grupos já fazem parte da vida do sujeito, assim como as famílias, escolas, o trabalho, amigos, entre outros. Ou seja, em todo momento o sujeito vive cercado de influências, seja pelos outros, seja pela cultura, seja pelos costumes. Silvia Lane fala que:

A Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, está entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para a continuidade da sociedade... Como somos determinados a agir de acordo com o que as pessoas que nos cercam julgam, adequadas.(LANE, 2006, p.10)

Um dos pontos destacados por Silvia são os grupos e as instituições às quais os sujeitos estão incluídos desde seu nascimento, ou seja, neles os indivíduos experienciam o sentimento de pertencimento, de identificação e são impactados em sua formação, enquanto sujeito.

Para Silvia Lane (1984), os grupos baseiam-se no inter-relacionamento de duas ou mais pessoas, exceto para os fatos onde o conceito é empregado de forma mais abrangente, como quando se refere a classe social, homens e sociedade.

Cada sujeito deve preencher determinados pré-requisitos para poder fazer parte de um grupo, é o que Silvia chama de características pessoais, elas são produzidas pelas relações grupais, pois são nelas que os sujeitos identificam-se uns com os outros e também diversificam-se, contribuindo na formação da subjetividade e dos papéis sociais. Sendo assim, são os grupos que dirão o que será reforçador ou não para o sujeito, segundo sua participação e atuação em cada um deles.

No ano de 1981, na publicação de seu livro “O que é psicologia social?” Silvia fala da formação de grupos, abordando os benefícios da formulação de conceitos que trazem a proposta de uma análise do processo grupal, através de métodos de pesquisa dialéticos, que foram se transformando no decorrer de suas produções.

Ao realizar uma análise de várias teorias sobre os grupos, Martins (2007, p.76) destaca que foi possível identificar em suas produções duas fortes tendências. A primeira é a posição tradicional a qual traz a ideia de que a função do grupo é a de definir papéis; sendo assim, promove a garantia da produtividade dos sujeitos e seus grupos, através da articulação de ações em prol da harmonia e manutenção das relações sociais.

A segunda posição aborda a natureza de mediação do grupo, o que causa impacto na relação entre os sujeitos e a sociedade. Nesta colocação, predomina-se a atenção no desenvolvimento pelo qual o grupo se produz, tendo em vista suas características sociais presentes nestas relações grupais. Com base nesse reconhecimento, criam-se as mudanças para trabalhar e adaptar o entendimento da experiência em grupo, enquanto um processo. Sobre este tema, Lane apresenta algumas asserções para se compreender os grupos:

1) o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas; 2) o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico, e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal, em vez de grupo (LANE, 1984, p.81)

Martins (2007, p. 77) diz que Silvia, ao falar em processo grupal e não em grupo ou dinâmica de grupo, coloca em pauta o caráter dialético e histórico do grupo. Isso gera diferenças em sua estrutura e, consequentemente, o fenômeno também sente esses impactos, que justifica o uso da expressão processo grupal, mencionando que os grupos só poderão ser reconhecidos enquanto forem vistos e colocados dentro de um sistema como a sociedade, levando-se em conta a sua história e raízes.

Além disso, a pesquisa do processo grupal considera a história do grupo, para que não seja perdido o caráter histórico e ideológico presente nele. Ressaltar o caráter histórico do grupo convoca os indivíduos a refletirem e compreenderem que o grupo, na sua singularidade, expressa múltiplas determinações e contradições presentes na sociedade contemporânea. Assim, segundo Lane:

[...]todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (LANE, 1984, p.81)

Silvia Lane estuda os processos grupais em suas várias perspectivas, é observado que desde a sua primeira publicação no livro “O que é Psicologia Social?”, veio trazendo novos conceitos, embasando-se em outros autores, como Marx, Vigotski e Martin Baró, de forma a deixar mais claras suas ideias em relação aos processos grupais.

Silvia traz-nos, como referência, quatro textos. No primeiro: “Uma Análise Dialética do Processo Grupal”, os processos grupais são analisados a partir de uma perspectiva materialista dialética, teoria onde tem um de seus precursores, Marx. No segundo texto estudado: “Processo grupal na perspectiva de Martin Baró”, Silvia analisa os grupos a partir da pesquisa da identidade do grupo, do poder que o grupo possui e o significado social daquele grupo para a sociedade.

No terceiro texto estudado: “O caminho dos sentimentos no grupo” é analisado, assim como no segundo

texto, as óticas de Martin Baró, mas complementa alguns conceitos que não foram comentados no segundo texto, como a questão da objetividade e do objetivo do grupo. Por fim, no quarto texto: “Todo Agrupamento humano pode vir a ser uma comunidade”, faz um estudo ao processo grupal, considerando a questão do poder.

Em uma entrevista feita pela revista *Psicologia & Sociedade* em 2001 e publicada em 2007, Coelho conta que, Silvia:

Na medida em que você considera o grupo em si, não dentro de uma cultura de uma sociedade, você naturaliza esse grupo e fala que o líder é uma figura do grupo. Não é, é condicionada por aquela cultura, por aquela sociedade. Então, você reproduz uma ideologia dominante, como sendo natural. (COELHO, 2007, p.3)

É possível perceber como Silvia Lane foi ressignificando, em suas pesquisas, o caráter do grupo, partindo de um primeiro momento em que protege a necessidade de proceder à pesquisa, focalizando o processo grupal, acrescentando a cada um desses textos, novos conceitos, contribuindo para um maior conhecimento do fenômeno processual, através de uma visão ampliada e humanizada.

Martins (2007, p.77) aponta que é possível constatar uma grande evolução em como Silvia compreendia os grupos em suas relações e interdependências, bem como suas necessidades. Através da análise desses sistemas relacionais, pode-se transformar os conceitos em pontos de partida para a sua teoria.

Silvia também fala da identidade social: nela, o sujeito vai descobrindo-se e reconstruindo-se diariamente, mediante as relações, comparações e ideias que estabelece e isso faz com que ele se veja como distinto dos outros.

Silvia Lane coloca que o que realmente representa a identidade social é o conjunto de papéis desempenhados pelos sujeitos, o que leva à manutenção da sociedade e suas relações. Sobre esse assunto, Lane ressalta que:

É neste sentido que questionamos quanto a “identidade social” e “papéis” exercem uma mediação ideológica, ou seja, criam uma ilusão” de que os papéis são “naturais e necessários” e que a identidade é consequência de “opções livres” que fazemos no nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social (LANE, 2006, p.22)

Diante disso, Silvia Lane (1981, p.24) fala da importância de se abordar o conceito da Consciência de Si, sendo esta alcançada quando o sujeito para de apenas reproduzir o que é esperado pelos grupos, e consegue se questionar e argumentar em sua história, questionando os fatores históricos expostos a seus pensamentos e ações, sua realidade e vivências, sobre as quais os papéis estão se desempenhando e o porquê dessa ação, quais as manipulações que sofre e quais as que reproduz.

O sujeito com Consciência de Si mesmo, compreende que os papéis que desempenha são reproduzidos de forma ideológica e influenciados pelo contexto em que vive; suas relações e suas ações pautam-se na necessidade de manter o sistema girando. Essa sistematização usa da dominação em suas relações para a manutenção e coprodução de condições de vida.

Neste contexto, o sujeito com consciência de si sai de uma posição passiva e passa a uma posição ativa sobre si e sobre os grupos, e é assim que ele se transforma em um agente de mudança social, pois quando um indivíduo tem consciência de si, o caminho para a consciência social está mais próximo. Sobre esta questão, Lane argumenta que:

[...]este processo não é simples, pois os grupos e os papéis que os definem são cristalizados e mantidos por instituições que, pelo seu próprio caráter, estão bem aparelhadas para anular ou amenizar os questionamentos e ações de grupos, em nome da "preservação social (LANE, 1981, p. 24)

A consciência social abordada na teoria de Silvia é relatada quando o sujeito já enxergou a si e compreendeu seus papéis, e agora consegue também enxergar as posições dos demais componentes do grupo, consegue interpretar e entender as influências do meio no desenvolvimento dos sujeitos e esse movimento pode beneficiar ou dificultar os processos, tanto na subjetividade quanto na coletividade.

Silvia Lane (1984) destaca que a linguagem é a principal responsável por criar e manter toda essa estrutura social, sendo ela desenvolvida pela necessidade de cooperação entre os sujeitos; é um mecanismo essencial para a sobrevivência do todo.

Ela aponta a necessidade de se considerar os fatores ideológicos presentes na construção de

significados, onde o trabalho cooperativo planejado que submete a natureza ao homem só foi plausível através do desenvolvimento da linguagem pelos grupos sociais humanos.

Com o passar do tempo, a linguagem vai modificando-se e aperfeiçoando-se, deixando de operar apenas em um nível prático-sensorial, para ir transformando-se e adaptando-se para acolher as novas demandas da sociedade. Assim sendo, a linguagem trabalha como instrumento e produto sócio-histórico, associando-se com significados de cada época.

Lane (1981, p. 26) retrata que a linguagem não é apenas a ação de falar; não se pode esquecer que ela não é o único meio de comunicação, a ponto de Skinner determinar o comportamento verbal como sendo todo aquele comportamento reforçado por meio da mediação de outras pessoas, e assim, acrescentando, além da fala, os sinais, linguagem corporal, código Morse, escrita, gestos, entre outros.

A linguagem também tem o poder de manipulação e influência. O pensar, o agir e o falar estão conectados e o problema é que em muitas situações as pessoas separam as coisas, falam sem pensar, pensam e deixam de agir. E para que não haja uma alienação, Silvia Lane destaca que:

A contra-arma do poder da palavra se encontra na própria natureza do significado: é ampliá-lo, é questioná-lo, é pensar sobre ele e não, simplesmente, agir em resposta a uma palavra. Entre a palavra e a ação deverá sempre existir o pensamento para não sermos dominados por aqueles que detêm o poder da palavra. (LANE, 2006, p.32)

Quando o sujeito confrontar as representações sociais com suas vivências e ações, juntamente com as de outros de seu grupo social, é que este sujeito será capaz de perceber o que é ideológico nas representações e ações decorrentes. Ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, indagando de forma a desenvolver ações diversificadas, significa enxergar novas possibilidades e formas de agir, que, por sua vez, serão instrumentos do seu pensar, e o levará a desenvolver a consciência de si, de seu grupo social e de sua classe como produtos históricos da sociedade, pertencendo a este ser agente da sua história pessoal e social, decidindo assim se manter ou transformar a sociedade. Lane conta que:

Devemos ainda considerar o fato das instituições serem as reprodutoras de ideologia que tem eficácia garantida pelo conteúdo de valores, cujo a captação no plano individual se dá pela esfera afetiva, e se não forem decodificadas pela linguagem, irão constituir fragmentos que poderão inibir o desenvolvimento da consciência, dar falsos significados à atividade e mesmo constituir aspectos nucleares da afetividade, levando a cristalização da identidade. (LANE, 1995, p. 62)

Silvia Lane era uma mulher com estilo próprio e trouxe para a Psicologia Social uma marca inovadora e criativa, assim fazendo com que inúmeros de seus alunos a vissem como modelo e acompanhassem seus passos. Segundo Martins (2007, p.78) Silvia sempre despertou simpatia por aqueles que dela se aproximavam, e assim aumentava seu ciclo de convivência e a disseminação de suas ideias. Silvia era uma teórica que criava produções de forma coletiva, mostrando sempre o valor do outro, assim utilizando da troca de conhecimentos para gerar novos conhecimentos.

Silvia Lane teve a habilidade de reunir pessoas ao redor de uma proposta de desenvolvimento de um projeto ético-político para a Psicologia Social no Brasil; ela trabalhou para deixar um legado de uma psicologia voltada para o desenvolvimento e transformação de ideias, para criação e construção de conhecimentos, a partir das trocas, por uma psicologia que saia do cenário clínico e explore as interfaces sociais, lutando contra a desigualdade e exclusão criada pelas relações e redes de dominação, levando os conteúdos e debates para a população, a fim de que cada sujeito elabore sua própria reflexão.

Silvia sabia exatamente como desenvolver a própria consciência dentro do grupo, colocando em suma importância os valores éticos na construção da realidade, da dignidade e subjetividade e fez uma Psicologia que valorizasse o ser humano e que fosse focada para a realidade da sociedade. Ela teve a ousadia de enfrentar posições tradicionais e colocá-la em questionamentos, no sentido de explorar transformações, de acordo com as necessidades pontuais. Aqui representamos parte das formulações e contributos da Lane mas que ainda se mostram presentes na Psicologia Contemporânea.

V. CONCLUSÃO

Pensar a Psicologia Social hoje corresponde em refletir sobre a sua história. E, na sua história de desenvolvimento no Brasil nos remete, essencialmente, em pensar sobre o caminho que fora percorrido por esse saber, resultado íntimo e direto da ação de Silvia Lane. Nesse sentido, é lícito afirmar que Silvia Lane com sua tenacidade e esforço influenciou de forma extremamente positiva esse ramo do saber no Brasil.

Com contributo de suas perspectivas temos o amadurecimento da Psicologia enquanto ciência que passa a admitir a relação entre subjetividade e realidade como eixo fundamental para a interpretação da realidade e de sua ação. Uma nova configuração da realidade, da subjetividade também vem alicerçada no entendimento de sua potencialidade como ação que pode colaborar para a minimização das mazelas geradas pela sociedade capitalista.

Para tanto, esse conhecimento ainda está em construção e reconstrução, perpassado pelo amadurecimento endógeno a própria categoria mas também influenciado pelas mutações impostas pela realidade contemporânea. Os aprofundamentos críticos e posicionamentos políticos que a Psicologia adota hoje advêm do acúmulo já construído e no qual temos o construto de Silvia Lane e que também é o motor que impulsiona e orienta a Psicologia a sempre se rever e se ressignificar em busca de uma sociedade mais justa e menos desigual.

REFERÊNCIAS

- [1]. BARRETO, M. *Silvia Lane: a mulher que fermentou idéias e alimentou ações transformadoras*. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 18-20, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500007. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [2]. BOMFIM, E. de M. Contribuições para a história da psicologia no Brasil. In: BOMFIM, Elizabeth de Melo (Org.). **Psicologia social: relatos na América Latina**. São Paulo: 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/42223/29270>. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [3]. CARONE, I. O papel de Silvia Lane na mudança da Psicologia Social do Brasil. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 62-66, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822007000500020&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [4]. CIAMPA, A. da C. *Silvia Lane: o homem em movimento*. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 17-18, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000500006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [5]. COELHO, M. H. M. *Silvia por ela mesma*. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 7-14, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-718220070005&script=sci_issuetoc. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [6]. FREITAS, M. de F. Q.; NOVO, H.A. A guerreira Silvia Lane e suas lições de paciência histórica: um depoimento emocionado. **Psicologia & Sociedade**, set. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500015. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [7]. LANE, S.T.M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/139985/mod_resource/content/1/O-que-%C3%A9-Psicologia-Social.pdf. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [8]. LANE, S.T.M. **Psicologia social- Homem em movimento**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984.
- [9]. LANE, S. T. M. **Uma Psicologia Social baseada no materialismo dialético: Da emoção ao inconsciente**. In **Anais do II Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia**, Gramado, RS, 1989. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500021. Acesso em 02 de outubro de 2020.
- [11]. LANE, S.T.M. **Novas veredas da psicologia social**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1995.
- [12]. LANE, S. T. M. Para pensar... e depois fazer. **Psicologia & Sociedade**, 8(1), 3-15. São Paulo, 1996.
- [13]. LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. Apresentação. In LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.), **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- [14]. LEAO, I.B.. Um método para investigar uma consciência: do intrapsicológico ao interpsicológico. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 67-75, 2007.
- [16]. MARTINS, S.T.F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sívila Lane. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 76-80, 2007.
- [17]. MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- [18]. NOVO, H.A.; FREITAS, M. de F. Q. de. A guerreira Sílvia Lane e suas lições de "paciência histórica": um depoimento emocionado. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, p. 31-36, 2007.
- [19]. SAWAIA, B. **Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira**. Vol 8. R.J./Imago Editora/, Conselho Federal de Psicologia, p. 1-40, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822007000500027&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 08 de outubro de 2020.
- [20]. SAWAIA, B. *Silvia Lane- A psicóloga de ação política*. **Mnemosine** vol2, n° 1, p. 87-97. *Clio-Psyché – Programa de estudos e Pesquisas em História da Psicologia*, 2006. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41403/pdf_72. Acesso em 08 de julho de 2020.
- [21]. SAWAIA, B.; COELHO, M.H.; JACO-VILELA, A.M. A psicóloga da ação. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 6, 2007.
- [22]. SAWAIA, B. Teoria laneana: uma univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, pág. 81-89, 2007.
- [23]. SAWAIA, B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364- 372, dezembro de 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010. Acesso em 02 de março de 2020.
- [24]. SAWAIA, B. B.; PURIN, G. T. **“Silvia Lane: Uma obra em movimento”**. SP: EDUC, Maio 2019. Disponível em: https://www.pucsp.br/educ/downloads/Psicologia_Social.pdf. Acesso em 02 de dezembro de 2019.
- [25]. SOARES, A.R. A Psicologia no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. spe, p. 8-41, dezembro de 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932010000500002&script=sci_abstract. Acesso em 17 de julho de 2020.
- [26]. SOUZA, E. A. de. *Silvia Lane: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil*. **Temas em Psicologia**, vol 17, n 1, 2009.
- [27]. SOUZA, E. A. de. *Silvia Tatiane Maurer Lane: dissertações e teses orientadas no programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social na PUC-SP - uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil*. Doutorado (Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17269/1/Esther%20Alves%20de%20Sousa.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2020.
- [28].